

Amanhã, Psicanálise! – O trabalho de Francischelli

Resenha | FRANCISCHELLI, Leonardo Adalberto. **Amanhã Psicanálise!** O trabalho de colocar o tratamento no paciente. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

Celso Gutfreind

Membro da Sociedade Brasileira de
Psicanálise de Porto Alegre.

UM RIBOMBAR: é
a própria verdade
que entre as pessoas
surgiu,
em meio ao
turbilhão de metáforas.
Paul Celan

À arte as metáforas. E dê-lhe muito mergulho em arte para que alguma metáfora venha à tona. Também é este o drama de quem escreve. É como garimpar ou buscar amor na vida. Ou na psicanálise, seu desdobramento.

A metáfora (ou carro-chefe) de Albert Camus era expressar que, no fundo de cada romance, há outra metáfora no desejo de comunicar alguma filosofia. A de Carlos Drummond, menos metalinguística, era dizer que há um emaranhado entre o eu e o mundo, e esta dupla dói, mas vale à pena. A de Henry Miller, mais voltada para o eu (autobiográfica) que a de Drummond, sugeria que o sexo é uma grande metáfora de tudo. Nisso se aproximou de Freud e aqui, conforme veremos, há uma sintonia com Leonardo Francischelli, não no sexo, mas no Freud em si.

Às resenhas a apresentação das artes. Mas, voltando ao Francischelli e à leitura de seu *Amanhã, Psicanálise – O trabalho de colocar o tratamento no paciente* (Casa do Psicólogo, 2007), deu-me um desejo de também fazer metáfora. Com Bion, ainda não sei o que isso significa e espero ter capa-

cidade suficiente para aguentar não saber. O livro, aliás, encerra exaltando a qualidade de poder esperar, raríssima nos dias de hoje. E agora que já lancei o às *artes suas metáforas*, então é necessário, em primeiro lugar, concentrar-se no livro do autor. As metáforas do leitor também vão precisar esperar.

O primeiro carro-chefe dessa obra é, aliás, deixar para depois o Bion e todos os pós-freudianos e mergulhar agora em Freud. Se este percebia metáfora no sexo, Francischelli sugere que, em psicanálise, Freud é mesmo o norte da coisa. A coisa e sua metáfora. E recomenda cuidado com os textos apócrifos e os conceitos de segunda mão, chupados do mestre. Nosso autor apresenta o futuro da psicanálise como uma espécie de retorno a seu começo.

Sabemos, já com Freud, que as origens são fundamentais. Francischelli as retoma e percorre a obra freudiana com leveza e profundidade. Entre *Interpretação dos Sonhos* e *Luto e Melancolia*, novas obras vão entrando, como *Totem e Tabu*, *Homem dos Ratos*, com muita erudição e coerência na costura entre elas, além de uma pitada própria. É preciso ler e reler Freud, enfim. O autor o sugere e nos convence dessa importância ao enfatizar o trabalho analítico de colocar o tratamento no paciente. Mas este já é o segundo carro-chefe.

Para fazê-lo rodar, Francischelli realiza uma verdadeira etimologia do trabalho, situando-o na Bíblia (ganhar o pão com suor), que Freud leu, no original, e também nos chistes de uma comunidade judaica com quem conviveu, lendo e encontrando.

Do conceito do trabalho, posto no título e desmembrado ao longo de todo o livro, desdobram-se sucessivos carros-chefe, que nos cabe nomear.

O primeiro (já o terceiro do livro) é a necessidade que tem o analista de trabalhar a própria pessoa antes de meter-se com a alheia. Parece fácil e freudiano. Freudiano é, mas difícil, e Francischelli aprofunda o olhar, repetindo ritmadamente que poder e tempo, no caso, não favorecem ninguém. Em cada analista, hoje (e amanhã, como no título), está presente a necessidade do trabalho de analisar-se e, sobretudo, reanalisar-se. É necessário começar de novo a olhar para dentro de si a cada dia. Só assim é possível colocar o tratamento no paciente, e não usá-lo, sub-repticiamente,

em causa própria e tornar-se “administrativo, burocrático”. Francischelli coloca a forma desse trabalho como superior ao conteúdo de sua verdade, descrita como secundária ou ficcional. É como naquele poema do Drummond, dizendo que a nossa edição final nunca está pronta. Ou aquele do Kaváfis indo a Ítaca (trabalhando), em que o mais importante não era a chegada em si, mas o suor despendido na viagem. Suar para olhar-se, compreender-se e compreender até mesmo a própria dor diante de um paciente que se ausenta, como no capítulo IX, em que está escrita uma frase lapidar: “Desses momentos difíceis nascem os psicanalistas” (p. 105).

Agora tudo começa a ficar mais complexo, porque desse carro-chefe desdobrado, como em um jogo de espelhos à Clarice Lispector ou no interior de um inconsciente, novos carros-chefe de trabalho se desdobram.

O primeiro do segundo desdobramento ou o quarto do livro é a contratransferência, que Francischelli leu em Freud antes de ler em Heimann ou em Racker, que menciona. Esta, sim, já desdobrada da(s) transferência(s), é carro-chefe na psicanálise e no livro de Francischelli. Em nosso cenário cada vez mais amplo, já vemos que o enorme jogo de forças não deixaria de desdobrar-se ainda mais. Então – e agora já não numero para não cair em redução – o autor evoca a importância do reconhecimento do próprio desejo (a liberdade de sentir) por parte do analista, que se defronta novamente com a importância de analisar-se e reanalisar-se (o “compromisso que assume” para “a relação mais íntima de uma pessoa consigo mesma através de outra...”).

Cumprindo a palavra anunciada, Francischelli retorna a Freud, que recomendava a reanálise de cinco em cinco anos. Ou seja, estava em Freud (“o pai da horda”), como também nele estava (Totem e Tabu) o conceito, em voga, de transgeracional. Difícil construir novidades, em psicanálise, alerta-nos o autor, humildemente, o tempo todo, sem tirar-nos a esperança de que, depois de muita leitura, é possível e até mesmo necessário imprimir a própria marca.

Tudo passa a ter algum sentido – objetivo franco de analisar-se –, mas a pílula não está dourada. A pílula, no caso, nunca está dourada. Isso porque o resultado do encontro paciente-analista é produtor de mais e mais subjetividade (“a alteridade”), “sem a qual o homem não vive”. E dor. E

esperança. E dor de novo. E para se estabelecer e encontrar é preciso buscar na vida a persistência como a de Marcolina (a primeira professora), ou a de Liduvina (a mãe) ou a de Hugo, o pai ferreiro, autor da talvez mais surpreendente metáfora: analisar também é malhar o ferro em brasa.

É importante contar que tudo é contado como quem charla naturalmente (a história da “cervejinha”, por exemplo), tipo um gaúcho do pampa, um argentino ou um “sambista no bar”. Talvez não como nas artes mencionadas no começo, mas na da psicanálise e, especialmente, na de Francischelli, que encontra na prática o desejo que anunciou em tese. Ou, como expressa, alcançou seu próprio “ismo”, sempre em movimento. O livro possui, afinal, este outro carro-chefe, agora em sua forma: apresentar conceitos densos como quem conversa com o outro, na análise ou na vida. De maneira nenhuma, isso implica displicência, e o cuidado com a escolha dos termos é constante, como a evitação, na clínica, da palavra “ajuda”. Desde então, por exemplo, eu a evito na prática e nos escritos.

Decorre daí mais carros-chefe, porque, desde o começo do livro, Francischelli constrói uma hipótese pra lá de interessante: a famigerada crise da psicanálise não estaria mais dentro dessas complexidades (e dores) do que do social-econômico? A pergunta é interessante não apenas em si mesma como também no espaço gigantesco que abre para mais trabalho nosso e menos queixa para os outros. Carece enfrentar um mundo geral e científico que cobra resultados, mas também é preciso enfrentar outro inconsciente (o do analista) que – mortal comum – deseja a paz de espírito sem o peso de subjetividades. O inimigo moraria dentro, e não seria esse um dos méritos maiores de um trabalho analítico dentro ou fora dos consultórios e dos livros? Mostrar que o lugar é no interior de cada um e não nas projeções de todos? Para o autor, tentar responder a isso é crucial, no sentido de ainda oferecer a psicanálise, especialmente para um século difícil, de dispersão de culturas (capítulo XI).

Agora, depois de tanto Freud e Francischelli, reencontro Bion e já posso fazer a minha própria metáfora. Sim, aguentei não saber e, diante de tantos carros-chefe, ousou dizer que *Amanhã, psicanálise* é uma garagem artesanal (pouco mais de cem páginas), que acolhe um grande potencial de movimentos e viagens.

Há outros tantos carros, como a empatia que o livro põe a rodar, ou a comovente conversa com o silêncio de Kovadloff, ou ainda a abordagem criativa da abstinência, mas seria enfadonho descrever todo o estabelecimento. A grande aventura é mesmo ler. Cabe agora dizer que saí motorizado com essas máquinas possantes posto que modestas, mas sem fazer barulho, soltar fumaça, bancar o maioral ou o veloz.

Saí mais humilde e entusiasmado para, simplesmente, trabalhar.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Celso Gutfreind
Rua Sinimbu, 320 / 201
90470-470 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: celso.gut@terra.com.br